



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

(cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Ligia Cademartori

Eu confesso que sinto muita falta da minha amiga Ligia Cademartori, que nos deixou em agosto de 2015. A sua paixão absoluta pela literatura contagiava. Ligia nasceu em uma casa em que se amava a leitura. A mãe devorava romances e adorava cinema. O pai cultivava a filosofia e a poesia.

Quando estava para morrer, em estado terminal, sobrevivendo à base de soro, a filha perguntou se ele precisava de alguma coisa. Ele pediu que abrisse o jornal e se aproximasse dele para que pudesse

ler. Ligia argumentou que não era sensato, pois estava tomando soro e ele respondeu: "Fazer soro sem ler enlouquece".

Ao longo de sua vida, Ligia também enlouqueceria sem livros ao alcance dos olhos atentos e agudos. A paixão pela leitura transformou Ligia em uma das mais importantes pesquisadoras e defensoras da literatura infantojuvenil no país, que considerava a grande causa de sua vida. Ela morreu, após travar uma batalha de seis meses contra o câncer.

Ligia vivia em Brasília desde 1984 como uma monja, inteiramente dedicada à literatura. Ela veio para montar o Programa Nacional Salas de Leitura, que se desdobraria no atual Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Os livros que escreveu sobre literatura infantojuvenil são referências essenciais para a compreensão

do gênero: *O que é literatura infantil* (Ed. Brasiliense) e *O professor e a literatura – para os pequenos médios e grandes* (Autêntica), que ganhou o prêmio Cecília Meireles da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil em 2010.

Gaúcha da fronteira, nascida em Livramento, doutora em literatura, lecionou na Universidade de Caxias do Sul e na Universidade de Brasília. Era uma intelectual de alta categoria, mas sentia-se desconfortável com a burocracia universitária e decidiu dedicar-se exclusivamente à literatura na condição de ensaísta e tradutora.

Fez a versão e adaptou *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, *Dom Quixote*, de Cervantes e *Jardim de versos*, de Robert Louis Stevenson. A excelência do trabalho a levou a ingressar na Lista de Honra

do International Board on Books for Young People, sediado na Suíça.

Não entendia apenas de literatura infantojuvenil, mas também de psicanálise e artes plásticas. Nos momentos finais de vida, ela escreveu *O tempo é sempre* (Ed. 7 Letras), um livro de poemas magro, mas denso, em que fala, de maneira serena e corajosa, da finitude e da iminência da morte. Não sabia que ela estava doente.

Pouco antes de sua morte, liguei e ela atendeu com uma voz rouca, dramática e afetuosa, a mesma que encontraria em seus poemas. O livro de poemas foi um presente dos deuses para quem se dedicou à literatura de maneira tão apaixonada. Ligia era séria nos compromissos, mas tinha um delicioso senso de humor.

Gosto muito de alguns versos que, em

minha leitura, se referem à relação de Ligia com Brasília: "Mesmo agora, que és paisagem interna / quando te visito, não mais estrangeira, / tuas vias se confundem em minhas veias."

A ilustração, a inteligência, a verve, o afeto e a generosidade de Ligia fazem muita falta. Eu a conheci em uma mesa de debate no meio de uma polêmica acirrada da qual participei. Ela era a mediadora e manteve a isenção e o decoro da função. Mas, quando terminou a sessão em um encontro de literatura, ela me chamou, disse que se divertira muito.

E, assim, ficamos amigos, sempre demos muitas gargalhadas, com as ridicularias dos outros e com as nossas. Recentemente, encontrei o seu telefone em uma velha caderneta. Algumas vezes, me vem o absurdo desejo de ligar para a Ligia.

CONFRATERNIZAÇÕES



Fabiola Rodrigues conta que a troca de presentes na família estava interrompida por causa da covid-19, mas este ano voltará

» CAROLINE CINTRA
» CARLOS AUGUSTO*

Com ou sem pandemia, presencialmente ou de maneira remota, a brincadeira da troca de presentes nas comemorações de Natal e no ano novo é uma tradição do período. No amigo oculto, como a regra da brincadeira é fazer suspense na hora de revelar quem tirou quem e surpreender com o presente, nem sempre todos os participantes saem satisfeitos. Apesar da importância maior ser o momento da confraternização, vale o esforço para não decepcionar uma pessoa querida.

Na hora de escolher o presente, a dica é levar em consideração o gosto da pessoa. Em alguns casos, é feita uma lista com sugestões e o valor estimado da lembrancinha, o que facilita bastante. Quem não tiver essa ajuda, precisa ser criativo e tentar acertar com a intuição. As opções são inúmeras: agenda, perfume, livros, bolsas, boné, fone de ouvido, entre outros. Mesmo com gastando pouco, é possível fazer bonito.

A brincadeira popular tem outras variações, como o amigo da onça, em que vale quase tudo. Os presentes são os mais inusitados possíveis e o importante é gerar boas gargalhadas dos participantes. Além desse, há também o amigo chocolate, amigo chinelo, amigo livro, entre outros.

De acordo com o Sindicato do Comércio Varejista do Distrito Federal (Sindivarejista-DF), os artigos mais vendidos nessa época do ano para presentear são roupas, perfumes, calçados, objetos para o lar e chocolate. "Normalmente, amigo oculto são lembrancinhas. A pessoa dá um chocolate, um produto artesanal, um batom, uma maquiagem, chinelo, um presente bem em conta, é uma coisa que a gente tem visto e percebido no comércio. Os presentes de amigo oculto costumam ser mais baratos que os de Natal habitualmente", revela o vice-presidente do Sindivarejista-DF, Sebastião Abritita.

Expectativa

Desde a infância, a analista de redes sociais Nathalia Fernandes, 27 anos, participa do amigo oculto da família. A troca de presentes virou uma tradição e sempre envolve desde o mais jovem até a matriarca, que era sua avó. "Já fiz entre amigas, na empresa onde trabalho, com

MEU AMIGO SECRETO É ...

Nas celebrações de fim de ano é bastante comum a troca de presentes. Muitos costumam ganhar objetos especiais, outros nem tanto e, no fim das contas, o mais importante é a diversão



A social media Nathalia Fernandes nunca se decepcionou no amigo oculto

as primas. E sempre foi muito divertido", conta.

A alegria de Nathalia é justificável: ela afirma que sempre teve sorte com os presentes que ganhou.

"Nunca ganhei um presente ruim. Mas, geralmente, a gente faz uma lista com dicas do que quer ganhar e isso facilita muito na hora de presentear", indica. Este ano, ela participará da brincadeira com as colegas de trabalho. As

expectativas são grandes com o que receberá. Por outro lado, ela confessa que ainda não começou a procurar o presente para a pessoa que tirou. "Estou esperando receber (o salário) para ir atrás. A pessoa que eu tirei já deu algumas dicas do que quer. Então, eu vou nelas para não errar e espero ganhar algo legal também", disse.

Moradora do Cruzeiro, a estudante Lorrana Rodrigues, 20, também é adepta do amigo

oculto, mas com um grupo de amigos. A brincadeira geralmente é feita no ano novo. "Chamamos os amigos mais próximos, alugamos uma chácara e fazemos a brincadeira. Sorteamos os nomes e as pessoas sempre dão uma ideia do que querem ganhar. Também sempre combinamos o valor máximo de R\$100", relata a jovem.

No amigo oculto que ela participa, o presente mais comum é perfume, mas de vez em quando situações inusitadas acontecem. "O presente mais inusitado foi uma amiga minha que ganhou uma passagem de avião para o Rio de Janeiro, que ela queria muito ir. O namorado dela a tirou e deu a passagem com tudo pago. A reação dela na hora foi chorar e todos ficaram impressionados com o gesto", lembra.

Para Lorrana, a brincadeira ajuda bastante a estreitar o laços. "Sinto que a nossa amizade sempre fica muito mais forte quando vamos brincar de amigo oculto, nos sentimos importantes. Eu não acho que precise realizar todo ano, porque, às vezes, não é todo ano que temos condições de comprar um presente ou de estar com todos os amigos. Mas acho importante para fortalecer a amizade", afirma.

Lembranças

Para a vendedora Fabíola Socorro Rodrigues de Moura, 19 anos, moradora de Valparaíso, as comemorações deste ano serão especiais. Apesar das dificuldades enfrentadas pela covid-19, a família vai se reunir e fazer o amigo oculto. "Ano retrasado e passado, por conta da pandemia, não pudemos nos reunir", conta. Fabíola diz ter boas lembranças da brincadeira, principalmente por conta do avô, que também gostava da confraternização e alegrava a todos. "Ele sempre participava com a gente. Agora, sempre que tem amigo oculto, dá aquela lembrança de saudade, porque ele era o mais animado da família", recorda.

Outra memória que a jovem tem é de um presente inusitado que ganhou. "Uma vez fizemos um que só daríamos presentes baratinhos e engraçados. Eu ganhei pregadores de roupa. Comecei a rir", brinca. Para este ano, a jovem ainda não comprou o presente que pretende dar, mas aposta no mais comum que já deu: perfume.

*Estagiário sob supervisão de Juliana Liveira